

Primo Levi, SE ISTO E UM HOMEM

INICIAÇÃO

Passados os primeiros dias em que fui caprichosamente transferido de bloco e de *Kommando* em *Kommando*, numa noite já tarde fui destinado ao Block 30 e indicaram-me uma cama em que já dorme Diena. Diena acorda e, embora exausto, dá-me lugar e recebe-me com amizade. Não tenho sono, ou melhor, o meu sono é disfarçado por um estado de tensão e de ânsia de que ainda não consegui libertar-me, por isso falo, falo sem parar. Tenho demasiadas coisas para perguntar. Tenho fome, e amanhã, quando distribuírem a sopa, como poderei comê-la sem colher?, e como se consegue uma colher?, e para onde irão mandar-me trabalhar? Diena sabe tanto quanto eu, naturalmente, e responde-me com outras perguntas. Mas de cima, de baixo, de perto, de longe, de todos os cantos da barraca já envolvida pela escuridão, vozes ensonadas e irritadas gritam – *Ruhe, Ruhe!*

Percebo que me mandam calar, mas esta palavra é nova para mim e, dado que não conheço o seu sentido e as suas implicações, a minha inquietação aumenta. A confusão das línguas é um factor fundamental da maneira de viver aqui; estamos mergulhados numa perpétua Babel, em que todos gritam ordens e ameaças em línguas que nunca ouvimos antes, e ai de quem não percebe à primeira. Aqui, ninguém tem tempo, ninguém tem paciência, ninguém dá atenção a ninguém: nós, os recém-chegados, reunimo-nos instintivamente nos cantos, ao pé das paredes, como as ovelhas, para sentirmos as costas materialmente protegidas.

Renuncio a fazer perguntas, e rapidamente caio num sono amargo e tenso. Mas não descanso; sinto-me ameaçado, traído, a cada instante estou pronto para me contrair num espasmo de defesa. Sonho, e parece-me estar a dormir numa estrada, numa ponte, atravessado numa porta pela qual entra e sai muita gente. E bem cedo, cedo de mais, chega a alvorada. Toda a barraca é sacudida pelos alicerces, acendem-se as luzes, todos os que estão à minha volta se agitam numa actividade frenética e repentina: sacodem os cobertores levantando nuvens de pó fétido, vestem-se com pressa febril, correm para o exterior meio vestidos, precipitam-se para as latrinas e o lavatório; muitos, numa atitude animal, urinam enquanto correm para poupar tempo, porque dentro de cinco minutos se inicia a distribuição do pão, do pão-*Brot-Broit-chleb-pain-lechem-kenyêr*, do sagrado pedaco cinzento que parece gigantesco na mão do teu vizinho, e tão pequenino de fazer chorar na tua mão. É uma alucinação quotidiana, à qual acabamos por nos habituar; mas nos primeiros tempos é tão irresistível, que muitos de nós, depois de muitas discussões a dois acerca da nossa evidente e constante desgraça, trocamos as razões, mas então a ilusão reaparece em sentido contrário, deixando-nos todos descontentes e frustrados. O pão é também a nossa única moeda; nos escassos minutos entre a distribuição e o consumo, o *Block* ecoa de chamamentos, de discussões acesas e de fugas. São credores de ontem que reclamam o pagamento nos poucos instantes em que o devedor se encontra em condições de pagar. Depois, instala-se uma paz relativa que muitos aproveitam para ir de novo às latrinas, para fumar meio cigarro, ou ao lavatório para se lavar, como deve ser. O lavatório é um local pouco convidativo. Está mal iluminado, cheio de correntes de ar, e o chão de tijoleira está coberto por uma camada de lama; a água não é potável, tem um cheiro repugnante e não é raro faltar durante muitas horas. As paredes estão decoradas com curiosos frescos didascálicos: vê-se, por exemplo, o

Haftling bem-comportado, representado nu até à cintura, na atitude de ensaboar cuidadosamente o crânio bem rapado e rosado, e o *Haftling* mal comportado, com um nariz acentuadamente semítico e com uma cor esverdeada, o qual, completamente tapado pela roupa cheia de nódoas vistosas, com o boné na cabeça, mergulha com cautela um dedo na água do lavatório. Debaixo do primeiro está escrito: «*So bist du rein*» (assim, estás limpo); debaixo do segundo: «*So gehst du ern*» (assim, vais acabar mal); e mais em baixo, num francês duvidoso, mas em letras góticas: «*La propreté, c'est la santé*». A parede em frente está toda ocupada por um enorme piloto branco, vermelho e preto, com a legenda «*Eine Laus, dein Tod*» (um piolho é a tua morte) e os versos inspirados:

*Nach dem Abort, vor dem Essen
Hande Waschen, nicht vergessen*

(depois da latrina, antes de comer, lava as mãos, não esqueças).

Durante muitas semanas, considerei estas exortações à higiene como meros traços de espírito teutónico, no estilo do diálogo relativo a cinta hernial com que nos acolheram ao entrarmos no *Lager*: Mas percebi depois que os seus autores desconhecidos, talvez inconscientemente, não estavam longe de algumas verdades importantes. Neste lugar, lavar-se todos os dias na água turva do lavatório fedorento é praticamente inútil para fins de limpeza e de saúde; mas é muito importante como sintoma de um resto de vitalidade, e necessário como instrumento de sobrevivência moral.

Tenho de confessar: depois de uma semana como prisioneiro, desapareceu dentro de mim o instinto da limpeza. Vagueio sem energia pelo lavatório, e aparece Steinlauf, o meu amigo de cerca de cinquenta anos, nu até à cintura, que esfrega o pescoço e as costas com escasso êxito (não tem sabão) mas com extrema energia. Steinlauf vê-me e cumprimenta-me, e sem meias medidas pergunta-me com severidade porque é que não me lavo. Porque é que deveria lavar-me?, estaria melhor do que estou?, alguém gostaria mais de mim?, iria viver mais um dia, mais uma hora? Pelo contrário, iria viver menos, porque lavar-se é um trabalho, um gasto de energia e de calor. Não sabe ele que, passada meia hora trabalhando com sacos de carvão, qualquer diferença entre nós desaparecerá? Quanta mais penso nisto, mais me convenço de que lavar a cara nas nossas condições é uma coisa inútil, fútil até: um hábito mecânico ou, pior ainda, uma lúgubre repetição de um rito extinto. Vamos morrer todos, estamos prestes a morrer: se me sobrarem dez minutos entre o acordar e o trabalho, quero dedicá-los a outras coisas, fechar-me em mim próprio, fazer o balanço, ou então olhar o céu e pensar que talvez esteja a vê-lo pela última vez; ou mesmo só deixar-me viver, conceder-me o luxo de um breve ócio.

Mas Steinlauf interrompe-me. Acabou de se lavar, agora limpa-se com o casaco de tecido que antes mantinha embrulhado entre as joelhas e que a seguir vai vestir, e, sem interromper a operação, dá-me uma lição com todas as regras.

Já me esqueci, e lamento, das suas palavras certeiras e claras, as palavras do ex-sargento Steinlauf do exército austro-húngaro, condecorado com a Cruz de Ferro na Grande Guerra. Lamento, porque terei de traduzir o seu italiano incerto e a sua conversa linear de bom soldado para a minha linguagem de homem céptico. Mas o sentido era este, que não esqueci, nem então nem depois: que, exactamente porque o

Lager e uma grande máquina para nos reduzir a animais, nós não devemos tornar-nos animais; que também neste lugar se pode sobreviver, e por isso é preciso) querer sobreviver, para contar, para testemunhar; e que para viver é importante esforçarmos para salvar pelo menos o esqueleto, os pilares, a forma da nossa civilização. Que somos escravos, privados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, condenados quase com certeza à morte, mas que uma faculdade nos restou, e temos de a defender com todo o vigor porque é a última: a faculdade de negar o nosso consentimento. Temos, portanto, sem dúvida de lavar a cara sem sabão, na água suja, e limparmo-nos ao casaco. Temos de engraxar os sapatos, não porque a tal obriga o regulamento, mas por dignidade e por propriedade. Temos de caminhar direitos, sem arrastar as socas, certamente não em homenagem à disciplina prussiana, mas para nos mantermos vivos, para não começarmos a morrer.

Estas coisas disse-me Steinlauf, homem de boa vontade: coisas estranhas para a meu ouvido desabitado, entendidas e aceites só em parte, e atenuadas numa doutrina mais fácil, dúctil e branda, a doutrina que desde há séculos se respira para aquém dos Alpes e segundo a qual, entre outras coisas, nada é mais inútil do que esforçar-se para digerir sistemas morais elaborados por outros, sob céus diferentes. Não, a sabedoria e a virtude de Steinlauf, sem dúvida boas para ele, para mim não chegam. Diante deste complicado mundo infernal, as minhas ideias estão confusas; será mesmo necessário elaborar um sistema e praticá-lo? Ou não será mais salutar tomar consciência do facto de não termos um sistema?

ed. D. Quixote, pp. 37-41